

Evocando o Prof. Emilio Gabba

(Pavia, 31.03. 1927 - 12.08.2013)



Escreveu Guido Clemente, logo no dia seguinte ao do falecimento do Prof. Emilio Gabba, esta emotiva mensagem:

«Con profundo dolore comunico la scomparsa del professor Emilio Gabba. Vi saranno sedi e occasioni per ricordare la figura scientifica di uno studioso che ha segnato la storia dei nostri studi. In questo momento mi sia consentito di piangere l'amico carissimo, e il maestro insostituibile».

Permita-se-me que, muito embora não tenha mantido com o professor uma estreita relação, evoque quanto alguns dos seus trabalhos me abriram novos horizontes no

âmbito de uma compreensão melhor da História de Roma, designadamente no que concerne às transformações verificadas nos finais da República, que iriam desembocar no aparecimento dum novo regime político: o Império.

Emilio Gabba, mestre e insigne historiador, foi docente de História Antiga nas universidades de Pisa e de Pavia. Já em 1988, em jeito de comemoração pela passagem dos seus 60 anos, colegas e amigos diligenciaram no sentido de se publicarem os *Studi di storia e storiografia antiche: per Emilio Gabba*, um livro editado pela New Press, conceituada editora que, nas duas décadas seguintes, deu à estampa a sua bibliografia de 1949 a 1995, obra de 1998, organizada por Anselmo Baroni, e a de 1995 a 2006 (2008), da responsabilidade de Donatella Zoroddu.

Já não sei precisar a circunstância em que pela primeira vez encontrei o Prof. Emilio Gabba. Recordo, porém, que tive ocasião de, logo nesse primeiro encontro, lhe dizer quanto aprendera nos seus livros. Assistente recém-chegado à Universidade de Coimbra, em meados da década de 70, eu escolherei o papel do exército romano como tema principal das aulas de História de Roma; e o seu livro *Esercito e Società nella Tarda Repubblica Romana* (Firenze, La Nuova Italia, 1973) abriu-me novos horizontes, ao salientar a importância enorme que tivera a reforma dos Gracos, nomeadamente permitindo o alistamento de *proletarii* nas fileiras do exército, inclusive como forma de assim obterem um estatuto económico e social mais relevante.

Na verdade, numa sociedade dita igualitária em direitos religiosos, políticos e sociais, onde o acesso aos cargos administrativos enormemente se alargara e as riquezas resultantes das novas conquistas no Oriente, em África e mesmo no Ocidente propiciavam — ou era suposto propiciarem — um bem-estar generalizado, foi outro, porém, o cenário que se verificou. A riqueza, afinal, facilmente se acumulou nas mãos de poucos e as reformas agrárias sabiamente empreendidas pelos Gracos, designadamente por Tibério Semprônio Graco, não obtiveram os resultados que se esperavam. Alargado, assim, o fosso entre ‘ricos’ e ‘pobres’, para estes últimos — que só a «prole» tinham de seu... — um único caminho parecia ter sentido: o caminho dos centros urbanos. E, nestes, esgotadas as possibilidades de utilização de mão-de-obra, o alistamento no exército — em qualquer exército, pois só com Augusto se haveria de ter uma consciência, embora ainda vaga, do que poderia vir a ser um exército «romano» — via-se como a forma mais expedita de ganhar um soldo, amealhar pecúlio, engrossado extraordinariamente de quando em vez com o produto do saque ou de uma recompensa extra, e, depois de algum tempo, a possibilidade de adquirir a sempre almejada cidadania.

Seduziu-me a análise, que me abriu novos horizontes, não apenas, como referi, para a compreensão desse período histórico mas para uma consciencialização do importante e indispensável papel que na sociedade — em qualquer sociedade e em qualquer época — a existência de uma «classe média» representa. Sentimo-lo neste dealbar do século XXI de uma forma particularmente aguda, a assumir carácter de catástrofe o cada vez mais vertiginoso desaparecimento dessa classe que, por ter algo de seu, funcionava como imprescindível elo apaziguador de tensões.

Isso o escrevo eu agora, mais de trinta anos passados; isso o fui, ao longo destes anos, inculcando nos meus estudantes; e foi logo nessa década de 70, pelas mãos de Emilio Gabba, que vi, pois, com outros olhos o papel do exército nesse final da República Romana e melhor compreendi como tudo desembocara na expressão «milites mei» de César e, posteriormente, de Augusto: de ‘republicano’ o exército passara a ser ‘pessoal’ — e tal mudança constituiria o embrião de toda a sequência histórica, na passagem da República para o Império.

Foi, pois, para mim, da maior argúcia a análise de Emilio Gabba e considerei as suas reflexões — que prosseguiria, no ano seguinte, em *Per la storia dell'esercito romano in età imperiale* (Bologna, Patron, 1974) — de incedível oportunidade para se compreender, repito, não apenas esse conturbado período da história de Roma, mas também os períodos subsequentes e, até, muitos dos factos deste (também conturbado) dealbar do século XXI.

Quando o encontrei, a sua opção de investigador já era outra e de imediato me confessou como continuara a deixar-se seduzir pela problemática da historiografia: o historiador e o seu ofício, a sua capacidade (ou não) de ser objectivo, de retratar na sua análise os conceitos que pairavam na sociedade sua contemporânea (a lembrar a obra clássica [1949] *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*, de Marc Bloch). Daí se ter lançado em obras como *Riflessioni storiografiche sul mondo antico* (Como, New Press, 2007) ou *Ripensando a Tacito (e Ronald Syme): fra storia e storiografia* (Pisa, 2007); ou na análise do que haviam escrito Apiano (*Appiano e la storia delle guerre civili*, de 1956, fora, aliás, uma das suas primeiras obras) ou Dionísio; daí o nosso comum amigo e seu colega de magistério, Umberto Laffi, ter estado, a esse propósito, na origem de *Conversazione sulla storia* (Pisa, Della Porta Editori, 2009).

A 15 de Outubro de 2009, aproveitou-se a oportunidade da apresentação, em Florença, do atrás citado *Riflessioni storiografiche sul mondo antico*, para um encontro, também de reflexão, sobre a problemática nele versada: o pensamento político antigo, a ‘Itália’ romana, Augusto e a historiografia imperial, os grandes historiadores da Antiguidade dos séculos XIX e XX... Os contributos então expostos acabaram por ser reunidos no volume *Emilio Gabba tra Storia e Storiografia del Mondo Antico*, sob a coordenação de Paolo Desideri e Maria Antonietta Giua (Edizioni Scientifiche Italiane, Nápoles, 2011). O livro tem, em apêndice, um sugestivo depoimento do próprio Emilio Gabba a propósito do papel dos historiadores gregos no Império Romano.

Longo e mui laborioso percurso feito, Emilio Gabba vive agora na recordação de quantos, ao longo de mais de 60 anos, tiveram a dita de usufruir do seu magistério.

Requiescat in pace!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO